

# UMA CARTA DE COLAÇÃO DE CLÉRIGO DE 1506 / ESTUDO PALEOGRÁFICO

Maria João Oliveira e Silva

Investigadora Contratada  
FLUP / CITCEM

<sup>1</sup>SANTOS, Maria José Azevedo – *Ler e compreender a escrita na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri – FLUC, 2000, p.80.

<sup>2</sup>Sobre todos estes termos e outros sinónimos veja-se GASNAULT, Pierre – “Les supports et les instruments de l'écriture à l'époque médiévale”, in *Vocabulaire du livre et de l'écriture au moyen age. Actes de la table ronde Paris 24-26 septembre 1987*, ed. Olga Weijers. Turnhout: Brepols, 1989, p.20-33.

<sup>3</sup>Sobre a origem, modo de preparação, variedades e conservação do pergaminho veja-se, por todos, SANTOS, Maria José Azevedo – *Da Visigótica à Carolina. A escrita em Portugal de 882 a 1172*. Lisboa: FCG / JNICT, 1994, p.12-31.

<sup>4</sup>SANTOS, Maria José Azevedo – *Da Visigótica à Carolina...*, p.23.

“A tríade, pergaminho, pena e tintas, era a base material em que assentava o edifício da escrita na Idade Media”<sup>1</sup>. O uso destes três materiais remonta à Antiguidade clássica, altura em que surgem as primeiras referências a membrana ou *pergamenum*, *penna* ou *penna scriptoria*, *atramentum* ou *incaustum*<sup>2</sup>. Mas será a partir do período medieval, e acompanhando a difusão paulatina da escrita, que esta tríade dominará em todas as escriturinhas e permitirá conhecer os seus hábitos e o seu *modus faciendi*. Por essa razão, procuramos analisar os materiais-suportes de escrita utilizados na carta de colação de D. João Camelo de Madureira.

A matéria subjetiva que serviu de material-suporte à colação de 1506 foi o pergaminho<sup>3</sup>. Apesar de ser difícil, a olho nu, distinguir a disposição e a morfologia dos folículos de modo a identificar a variedade de pele em causa, a observação da cor dos lados interno (lado da carne) e externo (lado do pêlo) permite apontar para um determinado animal. No caso concreto em análise, o pergaminho é, com fortes probabilidades, de gado ovino (carneiro ou ovelha), cujo uso, a par das peles de gado caprino, foi o mais comum em Portugal<sup>4</sup>. Em relação à sua

espessura, verificou-se que, em termos médios, tem 20 décimas de milímetro o que o coloca no grau médio de grossura<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Seguiu-se a escala utilizada por SANTOS, Maria José Azevedo – *Da Visigótica à Carolina...*, p.24.

Este pergaminho tem ainda a particularidade de ser um opistógrafo, ou seja, de ter sido escrito em ambos os lados: do lado da carne (hipoderme) encontra-se a carta de instituição, e do lado do pêlo (epiderme) a carta de posse. Este último lado é mais rugoso e poroso pelo que se adequa menos à escrita. O pergaminho em estudo revela, precisamente, esta menor adequação da epiderme como suporte de escrita, a qual associada ao uso de uma tinta castanha clara e ao desgaste natural provocado pelo tempo, traduz-se na dificuldade acrescida de leitura do texto. O aproveitamento de ambos os lados do suporte de escrita prendeu-se, muitas das vezes, com a necessidade de gerir e aproveitar o material disponível. Neste caso, e para além dessa situação, é possível que fosse do interesse do reitor instituído (João Pinto) ter num único pergaminho os dois documentos fundamentais ao exercício das suas funções: a carta de colação episcopal e a carta de posse notarial.

De facto, é visível a diferença entre as tintas utilizadas nos dois lados do pergaminho: no lado da carne a tinta é castanha escura e no lado do pêlo é castanha clara. Não tendo sido possível proceder à análise química do *incaustum*, acreditamos que estamos perante uma tinta do tipo metalo-gálico, sendo este o mais utilizado na

<sup>6</sup> Sobre todas estas questões veja-se SANTOS, Maria José Azevedo – *Da Visigótica à Carolina...*, p.44-58; GUERRA, António Joaquim Ribeiro – *Os diplomas privados em Portugal dos séculos IX a XII*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, p.176-177 e 185.

<sup>7</sup> Veja-se SILVA, Maria João Oliveira e – *A escrita na catedral e chancelaria episcopal do Porto na Idade Média*. Lisboa: CEHR-UCP, 2013, p.218-221.

<sup>8</sup> Sobre os tipos de regramento e instrumentos usados nesse processo veja-se, por todos, GUERRA, António Joaquim Ribeiro – *Os diplomas privados em Portugal...*, p.123-161.

documentação medieval portuguesa<sup>6</sup>.

Apesar de sabermos que a qualidade do material-suporte de escrita, da pena e da tinta têm influência no aspeto final de um documento, a verdade é que o mesmo estaria, em muito, dependente de alguns comportamentos gráficos dos escreventes. A análise desses comportamentos, a par do estudo de elementos como o do tipo de letra, permitiu conhecer melhor o “artesão” por detrás da carta de instituição de clérigo em estudo.

Em primeiro lugar focou-se a atenção no formato do documento, uma vez que o sentido de orientação das linhas de escrita ajuda a compreender tanto a normativa e a tradição da oficina de escrita, como também revela o grau de apuramento do discurso diplomático. O exemplar em análise possui o forma externa de “chartae non transversae” ou “rectae”, ou seja, a direção da escrita é paralela aos lados maiores do suporte, seguindo uma tendência verificada noutros *scriptoria* a partir de meados do século XIV<sup>7</sup>.

Outro elemento relevante prende-se com a prática de regramento e de distribuição da mancha gráfica. Constatou-se que o pergaminho não foi pautado nem se marcaram os limites das margens. No entanto, a mancha gráfica<sup>8</sup> manteve um aspeto relativamente regular e harmonioso, em grande medida devido ao facto de

ser constante o espaço entre as 18 linhas de escrita que o compõem (cerca de 0,6 cm). Esta uniformidade apenas foi quebrada pela ultrapassagem do limite médio de escrita em algumas das linhas, especialmente na primeira, na segunda, na terceira e na décima segunda. Nestes casos, a distância entre a escrita e a margem do documento viu-se encurtada, mas, em média, esse valor fixou-se nos 3 cm nas laterais, e 3,5 cm na margem superior. Na parte inferior do pergaminho o espaço deixado em branco foi maior (cerca de 6,7 cm), mas não o suficiente para impedir que a subscrição autógrafa do bispo ficasse praticamente tapada pela dobragem do suporte para aposição do selo. Como é visível, pela irregularidade das margens, o pergaminho não foi aparado.

Ao contrário do que era a prática comum, esta carta episcopal não tem anotações dorsais. Esta situação relaciona-se diretamente com o facto de se tratar de um opistógrafo. Por essa razão, as três anotações posteriores existentes encontram-se todas no reto do documento no único espaço disponível: a dobra do pergaminho feita para aposição do selo. Essas notas referem-se ao conteúdo e datação da carta de colação e foram feitas em três períodos cronológicos distintos. Esta constatação permite concluir que este documento não ficou “petrificado” no tempo, tendo sido consultado e anotado por mãos datáveis de cronologias diversas, eventualmente em momentos de mudança de posse da sua guarda.

Analisado o suporte, o formato, os comportamentos gráficos e as intervenções posteriores da carta de instituição de clérigo de D. João de Madureira, focamos a atenção na escrita. Com efeito, a análise paleográfica deste documento permitiu concluir que foi escrito em letra gótica bastarda híbrida, isto é, numa grafia predominantemente bastarda (ou mista francesa) com elementos de tradição da gótica cursiva da Península Ibérica. Caracterizada como “última forma caligráfica da Idade Média”, a escrita bastarda serviu de “ponte” entre as góticas cursiva e textual, e foi o resultado de uma estilização da escrita originária em

<sup>9</sup> Sobre este modelo gráfico veja-se BATELLI, Giulio - *Lezioni di Paleografia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 4ª ed., 2002, p.214-215; BISCHOFF, Bernhard - *Latin Palaeography. Antiquity and the Middle Ages*. Trad. Dáibhí Ó Cróinín e David Ganz. Cambridge: University Press, 2006, p.143.

França, entre a segunda metade do século XIV e os inícios do século XV, e que se espalhou por toda a Europa Ocidental<sup>9</sup>. De facto, este modelo gráfico caracteriza-se pela sua inclinação à direita, com preferência por traços angulosos (e não curvos) em letras como o “m”, o “n”, o “i” e o “u”; pelos traços de ligação feitos de baixo para cima; pela presença de alguns “s” finais que descem da linha de escrita e terminam de forma pontiaguda; pelo uso de dois traços em algumas letras maiúsculas. Por outro lado, incorpora elementos de tradição gótica cursiva peninsulares, nomeadamente no traçado menos anguloso de algumas letras; nas hastes superiores não marcadamente triangulares, mas mais arredondadas e em laço (como no caso do “d” e do “b”); na presença de alguns traços envolventes dextro-rotatórios (de que é exemplo o “q”); na existência de “s” em forma de sigma e de “h” que se assemelham a um “8”. Desta análise se conclui, portanto, que este documento contém os principais elementos da variante de gótica bastarda que se formou, e posteriormente se consolidou, na Península Ibérica a partir da segunda metade do século XV.